

ISSN 0101 708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

# G BOLETIM GOIANO de Geografia

INSTITUTO DE ESTUDOS  
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

*Edição Especial*  
*20 Anos*

VOL. 21 - N.º 1 - JAN./ JUL. 2001

# CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E O PAPEL DOS ESTADOS NACIONAIS

Romualdo Pessoa Campos Filho\*

Ao discutirmos as alterações que presenciamos no final do século XX, nos deparamos com questões pontuais, todas elas inseridas em um processo que não se inicia em tempos recentes, tanto no campo econômico, das transformações das forças produtivas – aqui incluídas as novas tecnologias, a força de trabalho e os novos métodos de produção –, como, também, em relação aos aspectos ideológicos. Ou seja, os fatores sociopolíticos que garantiram as condições para que o capitalismo ao fim do século, se arvorasse como vencedor na disputa com aquelas concepções que propunham uma sociedade cujo desenvolvimento se baseasse em uma produção coletivista, planejada, de forma a atender as necessidades da população. Ao contrário do capitalismo, que se caracterizava cada vez mais nitidamente como uma sociedade de consumo, tendo o dinheiro como garantidor da democracia e da liberdade.

Não foi aquela, mas esta a concepção que se fortaleceu. O triunfo das idéias liberais-burguesas sobre as idéias socialistas-coletivistas. O objetivo deste trabalho não é investigar porque isso ocorreu, mas fazer um rápido percurso pela história, no tempo e no espaço, e analisar como o mundo se apresenta nos dias atuais, de que forma estamos sendo afetados por essa aceleração contemporânea, no dizer de Milton Santos<sup>1</sup>, nessa época midiologicamente globalizada. Tempo em que a vida praticamente perde todo o seu sentido, ético, moral, quando os valores, gostos, arte, estética, quase tudo é condicionado pela lógica do capital. Da época da robotização, das máquinas e dos indivíduos.

Não devemos enxergar a “globalização” seguindo os parâmetros do que a mídia tem procurado nos oferecer. Até porque do ponto de vista conceitual, as divergências têm sido postas entre nós, principalmente nos

---

\* Romualdo Pessoa Campos Filho é Professor Assistente do Instituto de Estudos Sociais-Ambientais da Universidade Federal de Goiás. E-mail: romualdo@iesa.ufg.br

meios acadêmicos. Sabemos, por exemplo, que uma boa parcela dos teóricos franceses, e não apenas esses, utiliza o termo “mundialização”. François Chesnais, que tem produzido trabalhos importantes em que analisa essa nova etapa do capitalismo, afirma ser o termo globalização utilizado por dar um sentido de universalização e, em contrapartida, “mundialização” poderia sugerir a necessidade de constituir-se organizações também mundiais que possam estabelecer determinadas barreiras ao expansionismo das megacorporações transnacionais<sup>2</sup>.

O sentido que foi dado ao termo “Globalização”, segundo ele formulado nas grandes escolas americanas de administração de empresas, na década de 80, e popularizado por hábeis estratégias de *marketing*, visa passar a imagem da consolidação de um mundo sem fronteiras, condição propícia para também se vender a idéia de que não se deve cobrar nacionalidades às grandes empresas (o fim das fronteiras, obviamente, para as mercadorias e não para as pessoas). Dessa forma, altera-se o conceito de imperialismo e multinacionais. Um mundo sem fronteiras formado por grandes empresas sem-nacionalidades, essas verdadeiras gestoras e tutoras do pré-falimentar Estado Nacional.

A tendência à expansão comercial além-fronteiras nada tem de novidade. Ela é inerente ao próprio capitalismo, que para desenvolver-se e consolidar-se, enquanto modo de produção, necessitou expandir-se Europa afora, fato que se consumou com as grandes navegações e a Revolução Comercial, o que aliás possibilitou aos portugueses achar o nosso país, não tanto inesperadamente como a história oficial nos procurou demonstrar. Podemos assim dizer que o capitalismo surgiu já em um processo de globalização.

Assim como nos tempos atuais, os europeus – hoje não sozinhos, mas com os EUA, hegemonicamente – visavam atingir o continente asiático, de onde puderam colher mercadorias em quantidade que pudessem garantir-lhes um importante acúmulo de riquezas. Obviamente que as conquistas não pararam. Ásia, África, América. À busca de mercadorias, matérias-primas e mercados, primeiro por partes, mas a partir do desenvolvimento industrial dos séculos XVIII e XIX, o interesse era atingir esses três objetivos, mas, principalmente, mercados consumidores e matérias-primas. A Inglaterra, que iniciara o comércio de negros escravos, por exemplo, foi a nação que séculos depois proibiria esse tráfico. Obviamente em um momento

em que as colônias colocavam-se como fundamentais não mais para aquisição de matérias-primas ou ouro e prata, mas para constituir-se em mercados consumidores. E para isso era preciso transformar a mão-de-obra escrava em assalariada. Dar-lhes a liberdade que o liberalismo econômico propunha.

Como dizia Marx, a liberdade até mesmo de se morrer de fome. Segundo ele, foram esses os fatores que garantiram a acumulação primitiva do capital, ou seja, as condições que possibilitaram ao capitalismo se transformar em um modo de produção verdadeiramente universal.<sup>3</sup>

## **A MODERNIDADE BURGUESA**

A consolidação do Estado-Nação foi uma condição essencial para a transição à modernidade. A junção dos elementos políticos e econômicos e a maneira como eles podiam ser juridicamente organizados visando a defesa do território, a constituição de uma nacionalidade e a submissão do povo a esse poder fortemente estruturado. A liberdade, igualdade e fraternidade, elementos sempre presentes nas várias utopias revolucionárias, são alçados à condição de definidores do mundo moderno e, revolucionariamente, instituídos nas constituições burguesas.

As teorias modernas, que consolidaram o poder da burguesia e possibilitaram o surgimento dos Estados Nacionais não mais na lógica absolutista e lhes conferiram instrumentos necessários para o controle do poder político mundial, possibilitaram avanços impressionantes nas ciências, nas técnicas, nas relações internacionais. Fizeram de cada lugar, e principalmente das cidades, um laboratório permanente de aplicação de novas descobertas que se adequassem aos interesses hegemônicos em um equilíbrio necessário entre Estado, sociedade e mercado.

Os mecanismos modernos de fluxo financeiro, no entanto, impunham determinadas limitações ao expansionismo do capital. Podemos sim, e devemos, falar de um capitalismo internacional, ou mundial, ou global, se quisermos ainda, por ser da própria essência do sistema da economia de mercado<sup>4</sup>. O que o consolida, por sinal, não é o comércio interno – da aldeia, das pequenas cidades ou entre elas –, mas sim, o comércio internacional, a longa distância, possibilitador das incursões dos aventureiros burgueses “por mares nunca dantes navegados”.

O sistema tecia seus fios e traçava suas teias, engendrando fórmulas que facilitasse a acumulação cada vez maior de capital e garantisse o controle dos fluxos financeiros e das riquezas em mãos reduzidas. O controle da produção foi retirado das mãos dos produtores diretos e a apropriação privada dos meios de produção tornou-se uma necessidade na nova lógica de gerar riqueza explorando o trabalho alheio (mais-valia). A racionalidade, tão decantada nos tempos atuais, já impunha-se como uma condição básica da acumulação.

Fluxo monetário e aumento da produção eram desafios que gradativamente iam sendo vencidos pelo sistema. As mudanças revolucionárias que a burguesia impôs ao processo produtivo, mediante um controle cada vez maior das ciências, sucedem-se em ciclos que vão da pujança como resultado de descobertas e invenções magníficas, até a fome, causada pelo descontrole anárquico de uma produção voltada para criar a demanda, ao invés de ser essa produção, voltada para as necessidades da população, portanto atendendo à demanda social. Cria-se o prazer pelo consumo, e as mercadorias são investidas de uma atração fetichista<sup>5</sup>, encobrendo um processo histórico baseado na exploração crescente dos trabalhadores e das camadas pobres.

Mercado e consumidores passaram a ser os objetivos centrais do capitalismo. O liberalismo econômico (*laissez-faire, laissez-passez*), encarregara-se de retirar da monarquia absolutista o controle rígido que era exercido sobre a atividade econômica. Ficava, assim, o caminho livre para que tudo se desenvolvesse dentro da lógica da competitividade, da busca pelo lucro e da exploração cada vez maior da mão-de-obra assalariada da qual se extraía o capital excedente que possibilitava ao dinheiro transformar-se em capital. Seguindo essa lógica, e com os meios de produção sob controle da burguesia, portanto controlados por uma pequena parcela da população, submetia o povo à rigidez de jornadas de trabalhos exorbitantes. Ao mesmo tempo elaboravam-se legislações que obrigavam os antigos servos a tornarem-se trabalhadores assalariados, ao preço que conviesse aos donos dos meios de produção.<sup>6</sup>

A partir de então o capitalismo acelerou o seu desenvolvimento, rompeu barreiras e controlou regiões distantes da Europa, seu centro de desenvolvimento (os EUA, a partir do século XIX). O forte desenvolvimento industrial tornou necessária a ampliação dos mercados consumidores e isso foi acentuando-se à medida dos novos avanços tecnológicos que ampliaram ainda mais a produção.

O alto índice de desenvolvimento do capitalismo e as disputas por novos mercados constituíram-se como fatores importantes geradores da primeira guerra mundial. Os mercados mundiais encontravam-se praticamente divididos entre Inglaterra, França, Holanda e EUA. Mas a ascensão da Alemanha, Bélgica e Itália acentuou as disputas, principalmente em relação à Alemanha, cujo desenvolvimento industrial e tecnológico suplantava as demais sem, no entanto, deter forte controle de áreas coloniais. O que não impediu que os seus produtos circularassem o mundo, competindo com produtos ingleses até mesmo no Reino Unido.

O fim da Primeira Guerra mundial apresentou um grande paradoxo. De um lado um período de crescimento do capitalismo, correspondendo a mais ou menos uma década, em que se produziram muitas novidades, principalmente grandes invenções de utensílios domésticos. Representando uma forte procura por esses produtos e um acelerado crescimento da produção, e conseqüentemente, da indústria e do comércio. De outro lado, o surgimento do primeiro país socialista, composto por uma série de Repúblicas, que nascera sob o lema da crítica à sociedade consumista e exploradora.

A década de 30 colocou esses dois mundos em situações opostas. O capitalismo atravessou sua maior crise econômica – a grande depressão de 1929 – quando o grande *crack* da bolsa de Nova Iorque levou o pânico aos mercados mundiais e gerou uma quebra generalizada de instituições financeiras e empresas que atuavam no mercado de ações. Conseqüência do crescimento anárquico (característica do capitalismo) da produção que se chocou com uma forte retração do consumo, gerando uma crise de superprodução. O capitalismo produzira além das potencialidades de consumo da população. As demissões generalizadas, como forma de manter os lucros, só fizeram acentuar a crise, uma vez que reduzia mais o poder aquisitivo da população.

## LEVIATÃ?... NEM TANTO

A saída para essa forte crise, que fez alguns economistas preverem o fim do capitalismo e que se estendeu até meados da década de 30, só foi possível mediante a utilização de teorias elaboradas pelo economista britânico John Maynard Keynes. Uma delas, a que defendia a garantia do

pleno emprego para a população, considerava essencial o papel do Estado como regulador de leis e mediante iniciativas que possibilitasse empregos para todos. Dizia Keynes que mesmo se fosse preciso dar emprego para um operário cavar um buraco e em seguida tampá-lo o Estado deveria fazê-lo, pois seria a única forma de reaquecer a economia. Ao mesmo tempo propunha medidas que visassem controlar os lucros das grandes empresas. Boa parte das alternativas apontadas por Keynes compuseram a política do *New Deal* (novo acordo) aplicada nos Estados Unidos pelo presidente Franklin Delano Roosevelt.

A Segunda Guerra Mundial surgiu no bojo dessa grave crise econômica. A Alemanha humilhada com o tratado de Versalhes, que lhe impunha o pagamento de multas indenizatórias astronômicas aos países que se envolveram na primeira guerra, e ainda tomava partes de seu território. Com a crise, os EUA retiraram toda a ajuda que oferecia a Alemanha, ampliando as dificuldades que aquele país enfrentava e acirrando o ódio nacionalista, possibilitando a ascensão do nazismo.

Ao mesmo tempo, o mundo testemunhava o desenvolvimento de uma outra grande nação. Após a Revolução de 1917, a Rússia, juntamente com outras repúblicas, transformara-se na União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS), pretendendo colocar em práticas os princípios formulados pelos teóricos do socialismo científico, Marx e Engels. Sob a liderança de Lênin, procurou-se viabilizar mecanismos que, após uma cruenta guerra civil, só encerrada em 1921, pudessem desenvolver a economia socialista, liberando-se o mercado interno, mas garantindo investimentos sociais e o controle de setores estratégicos nas mãos do Estado. Uma *Nova Política Econômica* (NEP) visava atingir esses objetivos.

Com a morte de Lênin, a NEP foi sepultada e seu sucessor, Joseph Stálin, pôs em prática uma economia planificada, visando garantir o desenvolvimento em setores vitais para a sociedade mediante adoção de planos quinquenais, ao final dos quais deveriam ser cumpridas as metas estabelecidas, levando-se em conta não os interesses mercadológicos, mas as necessidades prementes da população e o desenvolvimento industrial do país.

Os custos humanos do processo de coletivização, principalmente na adoção do modelo de fazendas coletivas, que retirava dos camponeses o controle da produção e os condicionava em cooperativas, algo necessário para se ter sucesso no planejamento previsto nos planos quinquenais, são motivos de questionamentos. Acusa-se o regime soviético de eliminar um

grande número de camponeses e de enviar outros tantos para campos de concentração, devido a recusa em aceitar o cooperativismo. Sem desconsiderar tais denúncias, fica a ressalva de que esse processo era essencial para que se pusesse em funcionamento a economia planificada. Sem isso, a anarquia na produção – o que é característica do capitalismo – impediria que o Estado tivesse o controle da produção no interesse coletivo. Isoladamente, cada produtor produziria somente aquilo que lhe possibilitaria obter lucros.

Isso fez com que a União Soviética se constituísse no único país cuja economia permaneceu incólume durante a grande depressão, a grave crise econômica que abalou o mundo no final da década de 20 e começo da década de 30.

## REDEFINIÇÕES GEOPOLÍTICAS

A Segunda Guerra Mundial encarregou-se de redefinir as influências mundiais. A União Soviética, que sustentara o mais violento ataque das forças nazistas, teve um papel fundamental na derrota da Alemanha e à medida que o seu Exército encurralava as tropas alemãs libertava, assim, àqueles países que haviam caído sob o domínio das loucuras de Hitler. Com isso, malgrado a enorme quantidade de perdas humanas, a URSS ampliou consideravelmente o seu leque de influências, aumentando a população que passava a conviver com as idéias socialistas. Fortalecida pelo fato de ter resistido à grande depressão e revigorada pela ampliação da influência socialista a URSS tornou-se uma referência mundial, em uma época em que os ideais democráticos fortaleciam-se.

A redefinição geopolítica, o estabelecimento de um novo mapa-mundi, acentuou uma rivalidade posta em novo patamar. O fim da segunda guerra mundial dera início, em contrapartida, a um período que ficou conhecido como Guerra Fria. O mundo entrava na bipolaridade, uma recomposição das forças políticas mundiais em dois blocos antagônicos: o socialista, liderado pela URSS, e o capitalista, comandado pelos EUA.

Mas o capitalismo do pós-guerra também revigorou-se. Desde o final da década de 30 que esse sistema experimentara as sugestões keynesianas, e os investimentos estatais recuperaram empresas e garantiram empregos para milhões de americanos. Iniciou-se uma recuperação da economia norte-



americana que se impulsionara mais ainda com o chamado período da “paz armada”, quando todas as evidências apontavam para a eclosão da segunda guerra mundial. A indústria armamentista americana, injetada por dólares governamentais, tomou um impulso arrebatador, armou os países aliados e constituiu-se em um elemento importante na recuperação econômica.

Com a segunda guerra mundial, à semelhança da primeira, os Estados Unidos consolidavam-se como a grande potência mundial, abastecendo em todos os setores, os países envolvidos no conflito. Ao final, como uma das potências vitoriosas, ao lado da URSS, garantirá a reconstrução da Europa, através do Plano Marshall, visando garantir a sua influência e impedir um maior crescimento da influência soviética.

Os recursos americanos, mais a implementação das políticas keynesianas, garantiram uma estabilidade necessária aos países europeus capitalistas, que se sentiam ameaçados pelo crescimento da propaganda socialista. Para tanto, tornou-se imprescindível fortalecer os mecanismos políticos que possibilitaria garantir à população conquistas sociais, sobejamente reivindicadas pelos sindicatos, que tinham no exemplo socialista o modelo a contrapor à ganância capitalista. Inaugurou-se, assim, a partir de medidas sustentadas pelo braço forte governamental, o “Estado do Bem-Estar Social”, que garantiu à população européia, principalmente, um rápido desenvolvimento, a partir da implementação da teoria do pleno emprego. As conquistas sociais, benefícios que atendiam as reivindicações dos trabalhadores, deram aos europeus patamares elevados de bem viver, através de planos previdenciários, seguros-desempregos, garantia de atendimento à saúde de forma digna e elevados investimentos em educação.

Do outro lado do mundo, o Japão, também destruído pela derrota na segunda guerra mundial, adotara medidas semelhantes, escorado em altos investimentos americanos. No pós-guerra, a nova ordem mundial, marcada pela bipolaridade – as rivalidades entre os blocos capitalista e socialista –, tornou-se uma balança, em que os dois lados apostavam suas cartas na sobrevivência de um e derrota de outro, e do equilíbrio desse jogo garantia-se que as conquistas sociais pudessem ser postas também à mesa, mesmo que às custas de grandes lutas sociais, e apesar dos estorvos das ditaduras militares fascistas. Mas as crises cíclicas que acompanham o capitalismo, por demais enfatizadas por Marx e apontadas em *O Capital*, inevitavelmente, retornam. E a década de 70 iniciou-se sob os auspícios de mais uma dessas crises.

## A “CRISE DO PETRÓLEO”

O “boom” do desenvolvimento capitalista do pós-guerra, período denominado por Hobsbawm como “os anos dourados”<sup>7</sup> tivera como conseqüência, além do elevado padrão de vida nos países desenvolvidos, um aumento considerável da produção, não acompanhada pelo mesmo percentual no índice de consumo. Repetia-se uma das contradições do capitalismo e retornava uma crise de superprodução, causada pelo elevado padrão de vida, já que reduzia o consumo de uma população devidamente abastecida, mas, principalmente, pela crise de insolência que vai atingir os países dependentes (principalmente América Latina), profundamente endividados em dívidas externas e gastos internos excessivos, além daqueles que desenvolviam lutas de libertação.

O aumento do preço do barril do petróleo – antecedido pela redução na produção, arma eficaz no jogo de preços do capitalismo – determinado pela OPEP, como necessidade de adequação dos preços, criou um descompasso na balança comercial de diversos países ao mesmo tempo em que acelerou o crescimento inflacionário.

A crise econômica que afetou os mercados capitalistas mundiais, dessa vez atingiu a União Soviética, às voltas com divergências políticas internas – conseqüência da morte de Stálin – e redirecionando seus rumos, que passaram a dirigir-se na expectativa de um fracasso mundial do capitalismo, garantindo assim uma transição pacífica dos países capitalistas para o socialismo, visto como alternativa à crise. Mas as mudanças de rumos na URSS não eram apenas política, mas também econômica, uma vez que as Repúblicas Soviéticas começavam a se deparar com graves crises de abastecimento, forçando alterações que lhes possibilitassem uma inserção na economia de mercado mundial.

Abriu-se, dessa forma, aos investimentos estrangeiros, buscando capitalizar recursos que garantissem a aquisição de produtos no intercâmbio com os países capitalistas. Inicialmente, essa captação de recursos externos se deu através da abertura de empresas ao capital internacional, com a possibilidade de aquisições de parte do capital estatal, via mecanismos conhecidos como *joint ventures*. Mas essa inserção deu-se em um momento de crise mundial, o que transformou a crise soviética, também em uma crise típica de uma economia de mercado.

A era Gorbachev, em que se pretendia “modernizar” a URSS, envolveu a ex-potência socialista em um torvelinho de complicações, quando as reformas que pretendiam livrá-la da crise assumiram um efeito bumerangue, acentuando mais ainda a falência de um modelo natimorto, que se pretendia implantar. O fechamento de seu ciclo, marcado pela queda do muro de Berlim, também apontado como símbolo da “Guerra Fria”, representou a derrota do “socialismo real”, em um momento em que o sistema econômico soviético já transfigurara-se por completo e, tanto na URSS, quanto nos demais países do Leste Europeu, não restava quase mais nada do que fora o socialismo de décadas passadas. Os últimos símbolos ainda presentes, as estátuas daqueles que buscaram tornar real um sonho de sociedades calcadas em ideais humanistas foram uma a uma retiradas. Bruscamente, confundiram propositadamente personagens, tentava-se destruir, com esses atos, resquícios de qualquer utopia e apregoavam a necessidade da liberdade que lhes oferecia a sociedade de consumo e o sonho possível da individualidade presente em ilhas de fantasias. As dimensões desses feitos foram ampliadas em escalas que interessavam à propaganda ideológica ocidental.

## NEOLIBERALISMO E “GLOBALIZAÇÃO”

A crise capitalista da década de 70 fez ressurgir concepções que até então encontravam-se nos porões do sistema, ali esquecidas como decorrência da existência de uma outra formação econômica que funcionava através de medidas antagônicas às utilizadas pelo capitalismo. Derrotado o vizinho ao lado, e diante de mais uma crise, desta feita responsabilizando-se o Estado do Bem-Estar Social, os economistas burgueses retiraram do fundo do baú as teorias de um grupo de economistas que bem antes da segunda-guerra mundial já pregavam contra o socialismo e o keynesianismo. Inspiraram-se nas idéias de Friederich Hayek e Milton Friedman, que desde aquela época reuniram-se em Mont Peleráin (Suíça) pregando contra o poder excessivo do Estado no controle da economia<sup>8</sup>. Defendiam, portanto, uma retomada das concepções liberais, da existência de um Estado que se ativesse ao mínimo das responsabilidades sociais deixando ao sabor do mercado os rumos que a economia deveria trilhar. O controle, ou auto-controle, a ser exercido pelo mercado, se basearia nos princípios da competitividade e da qualidade. Os defensores dessas idéias passaram, assim, a ser conhecidos como “neoliberais”.

A década de 70, portanto, abriu-se para a difusão dessas idéias, tendo como base dois governos que difundiram, amplamente, a implementação de medidas econômicas que pusessem um fim ao Estado do Bem-Estar Social. Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos EUA, passaram a ser os guardiões de uma nova ordem mundial, baseados nesses princípios. Pelo novo credo era preciso destruir o poder de um estado que elevava excessivamente os salários, reduzira a concorrência na mão-de-obra, uma vez que estabelecera o pleno emprego, arcara demasiadamente com custos sociais (como previdência, aposentadoria, seguro-desemprego etc.), construía um conjunto de empresas estatais que sufocava o Estado e tolhia o princípio da livre-concorrência e, por conseqüência, reduzia as perspectivas de lucratividade das empresas. A saída para a crise passava, segundo as concepções neoliberais, pelo desmonte desse Estado e, obviamente, a retomada da lógica que caracteriza o capitalismo: a busca obsessiva pelo lucro; a ganância que possibilita a acumulação de riquezas e, segundo essa lógica, impulsiona o desenvolvimento.

A partir de então todas as forças do capitalismo, seu aparato político-ideológico foi utilizado para triturar aquelas idéias que destoavam desse caminho. Os avanços conseguidos nos anos dourados, as novas descobertas que possibilitaram o desenvolvimento das forças produtivas foram despertadas para a necessidade de expandirem-se incontrolavelmente, sem as preocupações, que até então prevaleciam, de garantir as conquistas sociais foram sendo gradativamente retiradas e a salvação da humanidade passou a situar-se à direita do Deus-mercado. Célere, avançou a lógica de que era preciso desenvolver-se, incessantemente, e só a liberdade de mercado possibilitaria atingir uma nova época, uma era de altas conquistas tecnológicas. A isso, a mídia mundial passa a denominar de GLOBALIZAÇÃO, termo que veio acompanhado de um raciocínio – imposto ideologicamente – que vinculava globalização ao que, nesse viés, era considerado moderno e progressista.

As conquistas sociais, obtidas duramente mediante lutas sindicais importantes, foram desmoronando uma a uma. Os sindicatos viam seu poder de aglutinação esvaziados, em uma queda de braço em que iam sendo enfraquecidos pela força do aparato de propaganda, pela resistência que lhe impunham governo e patrões, e pela desesperança que foi atingindo os trabalhadores. Com o fantasma do desemprego pairando sobre suas cabeças, as mobilizações foram enfraquecendo-se em mais um *round* ganho pelos

governos neoliberais. Na Inglaterra a greve dos mineiros, de mais de um ano, e no Brasil a greve dos petroleiros são dois desses exemplos.

Posto o mercado como regulador, passou-se à necessidade de investimentos tecnológicos que garantissem uma melhoria na qualidade dos produtos oferecidos, uma vez que a competitividade devia-se dar mediante a escolha daqueles objetos que propiciassem ao consumidor uma melhor satisfação ao que se estava adquirindo. Ao produtor uma modernização tecnológica deveria vir no sentido de possibilitar que essa melhoria no padrão de qualidade, viesse a garantir-lhe menores custos nos investimentos e maior lucratividade no produto final. A isso, chama-se racionalidade, que vai ser conseguida mediante alterações no processo de trabalho. Tanto na organização do trabalho, quanto na modernização das máquinas. Mais produção em menos tempo, ampliando a taxa de mais-valia absoluta, conseguida através da contenção do valor da força de trabalho (a mão-de-obra disponível, conseqüência do desemprego, vai possibilitar isso), e de mais-valia relativa, através do processo de modernização e informatização, que em alguns casos substitui braços humanos por robôs.

A revolução tecnológica, que essa etapa do capitalismo propicia, eleva a patamares mais altos o grau de desequilíbrio entre possuidores de meios de produção e trabalhadores, assalariados ou não (a "informalidade" cresce na proporção do desemprego). Inegavelmente, a competição que surge nesse período técnico-científico-informacional, na expressão de Milton Santos<sup>9</sup>, traz descobertas científicas fenomenais. E com ele, alguns dos fatores que diferenciam essa nova época de épocas passadas e que faz, portanto, a diferença dos tempos atuais, ditos globalizados. Impulsionados por uma impressionante revolução na micro-eletrônica, a informatização, os métodos de digitalização do som, da imagem transmitida por satélites e na constante busca por sua perfeição, e, conseqüentemente, da informação; a velocidade, a interligação mundial via redes (as chamadas infovias), com o advento da *Internet*; a transmissão em tempo real dos acontecimentos mundiais ocorram onde ocorrerem (seja numa escondida aldeia africana, ou nos rincões de uma floresta amazônica, devidamente vistoriados por satélites), e mais recentemente com os avanços da biotecnologia.

Todo esse aparato tecnológico incide gradativamente sobre todos os setores de nossa vida. E, mesmo quando não temos diretamente acesso a esses benefícios, o que ocorre com a imensa maioria da população, estamos indiretamente submetidos às conseqüências deles.

Esse é o mundo globalizado ou mundializado. A tríade, apontada por Milton Santos, composta pela fluidez, racionalidade e competitividade, dita os rumos da modernidade capitalista. Tudo passava a funcionar a fim de atender as demandas de um novo tempo que, mais do que nunca, tem transformado os indivíduos em seres autômatos, condicionados que são a aceitarem passivamente, como uma lógica natural do desenvolvimento da humanidade, as novas forças que controlam o mercado ditam os padrões de consumo e impõem regras comportamentais.

### **“O MUNDO COMO FÁBULA, PERVERSIDADE E POSSIBILIDADE” (Milton Santos)**

A ideologia da globalização consolidou-se assentada naqueles mecanismos ideológicos que condicionavam o mercado para aquilo que se vai produzir. O *marketing*, ou mais simplesmente a propaganda mercadológica, antecipa-se ao produto e induz o consumidor a uma necessidade aparente, empurrando-o para um consumismo desenfreado a fim de manter-se modernizado. A propaganda, como fator essencial nesse processo, visto ser os meios de comunicação um dos mais fortes aparatos ideológicos e o principal, cria uma estética aos produtos que molda os gostos e transforma as marcas mais em objetos de consumo que o próprio produto que se está adquirindo. Ou seja, busca-se aquele produto, por sua marca, e não por sua utilidade ou comprovada qualidade.

Por sua vez, as empresas ajustam-se a um ritmo de busca da perfeição e da qualidade, a fim de dominar o mercado, que leva, invariavelmente, à superação daquilo que se produziu como sendo o mais moderno. A um ritmo acelerado, produz-se determinada mercadoria que, em um curto espaço de tempo, tornar-se-á ultrapassada, mediante o lançamento de um novo produto, na mesma linha, pela mesma empresa, tornando o anterior obsoleto, o que levará o seu dono a trocá-lo pelo mais moderno, dentro do que lhe condiciona a ideologia do consumo.

Mas a dita globalização, a nova fase do capitalismo – no que eu consideraria como uma mudança estrutural –, mediatizada pela ideologia neoliberal (a que podemos denominar como a ideologia da globalização), não traz somente transformações tecnológicas e no processo produtivo. A lógica que lhe move objetiva também acabar com todos os empecilhos que

dificulte a reprodução do capital. O livre-mercado aplica-se também às facilidades econômicas especulativas, à liberdade de investimentos de capital financeiro e à mobilidade que deve existir, quebrando-se quaisquer restrições que impeçam a livre circulação do mesmo. Dessa forma, as crises, que eventualmente afete alguns mercados financeiros, podem livrar esse capital de prejuízos, à medida que os seus investidores (especuladores) têm a possibilidade de retirar-se em direção aos mercados mais rentáveis e seguros, em poucos segundos. Os mercados, que lhes servem como hospedeiros, e as conseqüências nefastas dessas retiradas abruptas não incomodam esse capital parasita, visto que o mais importante é o lucro... o seu lucro.

Uma outra conseqüência desse “paraíso” liberal, das maravilhas da “globalização”, foi a mudança na concepção de empresas multinacionais. As modificações desse mundo globalizado, “sem fronteiras”, e as facilidades conseguidas pela velocidade nas comunicações e nos transportes e nas alterações na produção, facilitaram que essas empresas, agora ditas transnacionais (há polêmicas em torno dessa conceituação), possam transferir sua produção para aqueles países de economia emergente, cuja mão-de-obra seja mais barata. Às vezes, como no exemplo do tênis Nike, sequer instala-se alguma unidade industrial própria, mas aqui também funciona no sistema de hospedeiros-parasitas. Terceiriza-se a produção mundialmente, estabelecendo-se os padrões e formas para que indústrias regionais fabriquem tais produtos. Nos países de origem instalam-se as sedes administrativas para onde dirigem-se os recursos oriundos dos lucros obtidos com essa exploração de mão-de-obra barata. E esses recursos são aplicados de lá em todo mercado financeiro confiável, colhendo lucros fabulosos sem necessidades de maiores investimentos no setor produtivo. O que impede, naturalmente, qualquer tipo de desenvolvimento naqueles países que se abrem incondicionalmente a esses interesses.

Outra alteração importante diz respeito à organização dessas empresas, e das novas técnicas adotadas na produção. Da linha de montagem que possibilitou uma aceleração na produção – “fordismo/taylorismo” – importante na recuperação do capitalismo no pós-guerra, passou-se a métodos que possibilitassem uma maior racionalidade naquilo que se produzia. O sistema *just-in-time*, que vai acompanhar o “toyotismo” (o processo de informatização nas empresas – robotização), vem possibilitar um controle na produção, de forma a evitar excessos de produção. Com isso, novos estoques só passam a ser produzidos quando a mercadoria chega

ao seu destino. Evidentemente, qualquer descarrilamento nesse processo, leva a uma parada, ou redução, na produção e o conseqüente aumento do desemprego.

Enfim, a globalização e todos esses avanços tecnológicos, as novas oportunidades que o capitalismo nos oferecem, esse mundo de progresso e modernidade, cercado de objetos que podem nos transformar em cidadãos do mundo, em detentores de mecanismos que ampliam nossos espaços, que possibilitam nossos deslocamentos espaciais, que afetam nossa especialidade e podem melhorar nossa qualidade de vida, tudo isso tem um custo. O capitalismo não se "globaliza" visando o bem-comum. Ao contrário, as alterações que lhes afetam em sua estrutura vêm exatamente no sentido de retirar aquelas conquistas que propiciavam aos indivíduos o bem-estar social. O capitalismo do fim-de-século retoma sua lógica nefasta, a ganância, o lucro, e isso não se consegue sem uma exploração cada vez mais crescente dos trabalhadores. Nem que para isso jogue-se na amargura e no desespero milhões de famílias, que passam a ser afetadas pelo desemprego estrutural.

Com isso, a globalização, as maravilhas que desfilam nas telas dos televisores anunciando um mundo de sucessos e belezas, que padronizam valores morais na lógica da sociedade de consumo, que oferecem mercadorias inalcançáveis para a maioria. Um aparato ideológico foi difundido de forma global, disseminando um discurso bem elaborado que não mais falava em desenvolvimento, mas em progresso; não mais em modernidade, mas em pós-modernidade; não mais em estatismo ou nacionalismo, mas flexibilidade e controle de qualidade; não mais em emprego, mas qualificação profissional; não mais em bem-estar social mas em racionalização de custos; não mais em avanços sociais, mas em cumprir compromissos financeiros internacionais; não mais em solidariedade, mas em competitividade. Enfim, um discurso que se impõe sobre as coisas, como nunca na História, e obscurece a sua perversidade.<sup>10</sup>

Tudo isso esconde um processo que leva a exclusão social milhões de pessoas. Muitos desses, vivendo em miséria absoluta, mantêm vivo o alerta de Marx e já não têm mais nada a perder, a não ser suas cadeias. É natural, portanto, que o mundo globalizado, cujas conquistas tecnológicas são irreversíveis e podem ser utilizadas para o bem-comum da humanidade, crie milhões de marginais que já não cabem mais nas prisões.

Como reconhecer a inevitabilidade de um mundo barbarizado por essa lógica insana, a burguesia e a alta classe média comprazem-se em



cercar-se em condomínios luxuosos munidos de seguranças particulares, tendo ao seu alcance o que as comodidades da vida moderna lhes têm a oferecer.

Por diversas vezes temos constatados, algumas tragicamente outras não, que “a vida imita a arte”. Muito embora querendo nos esforçar para que a visão futurística de Ridley Scott, expressa no filme *Blade Runner – O Caçador de Andróides* (baseado na obra de Phillip K. Dick)<sup>11</sup>, esteja longe de retratar o tempo que nos espera, temos dificuldades em vislumbrar um mundo mais justo. A lógica cruel de uma sociedade que baseia-se na competitividade e, portanto, no acirramento da individualidade, nos impulsiona ao enxergar a miséria, o banditismo e o medo que nos cerca, com um pessimismo brutal, e ver na barbárie o caminho que a humanidade poderá vir a trilhar. O que só acentua a nossa individualidade, a lei das selvas e o “salve-se quem puder”.

Mas, é preciso – e possível – combater essa lógica insana e discordar da tese do pensamento único e do fim da história. Como disse Marx: a humanidade nunca colocou problemas que ela própria não pudesse solucionar. As contradições, que se acentuam e expõem o lado obscuro de todo esse processo de transformações aceleradas que vive o mundo contemporâneo, devem servir para nos mostrar que, enquanto sujeitos ativos e conscientes desse processo, cabe-nos a tarefa de resgatar todo aquele sentimento humanista que possibilitou à humanidade romper com as trevas que impediam o avanço do conhecimento. Ou aquela utopia que mobilizou milhões de pessoas em todo o mundo na busca pela construção de uma sociedade na qual o ser humano, homens e mulheres, pudesse ser o “capital” mais precioso.

E nos reportando a Milton Santos, podemos acreditar na possibilidade de construirmos *uma outra globalização*, considerando, como ele, que vivemos uma época de transição. “A gestação do novo, na história, dá-se, freqüentemente, de modo quase imperceptível para os contemporâneos, já que suas sementes começam a se impor quando ainda o velho é quantitativamente dominante. (...) Essa idéia de movimento e mudança é inerente à evolução da humanidade. É dessa forma que os períodos nascem, amadurecem e morrem”<sup>12</sup>.

**NOTAS**

1. SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
2. CHESNAIS, François. "A emergência de um regime de acumulação financeira", in *Praga, estudos marxistas*, n. 03. São Paulo: Hucitec, 1997.
3. MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, Vol. II, Capítulo XXIV, "A chamada acumulação primitiva". Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
4. KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
5. MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, Vol. I, parte primeira, "Mercadoria e Dinheiro": O fetichismo da mercadoria: seu segredo. p. 79.
6. Muito embora sempre considere atos de selvageria as revoluções e movimentos guerrilheiros, a burguesia para consolidar-se enquanto classe dominante e manter os princípios do que fundamentaria a modernidade realizou três grandes revoluções: a Inglesa, a Americana e a Francesa (sec. XVII-XVIII), e uma série de outras revoluções que lhe consolidaria em definitivo (meados do século XIX).
7. HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
8. ANDERSON, Perry. "Balanço do neoliberalismo", in SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
9. SANTOS, Milton. *Op. Cit.*
10. \_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000. Capítulo III: Uma globalização perversa. p. 37-78.
11. DICK, Philip K. *Blade Runner – O caçador de andróides*. São Paulo: Clube do Livro, 1988.
12. SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. p. 140.

## **CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E O PAPEL DOS ESTADOS NACIONAIS**

**Resumo:** O fenômeno da chamada “globalização” penetrou como uma fúria em cada canto do planeta. Antecedido por um violento aparato ideológico, em uma bem elaborada guerra de informações, teve como seu ponto de partida – simbólico – a queda do muro de Berlim. A partir daí, a frente de batalha deslocou-se para cada fronteira nacional, a fim de derrubá-las e permitir a “livre” concorrência mundial, e a liberdade – sem fronteiras – para o capital. O mito da globalização espalhou-se pelo mundo e, junto com ele, a concepção fatalista da eternidade do sistema capitalista e a teoria do pensamento único.

**Unitermos:** Globalização; Capitalismo; Estado Nacional.

## **CAPITALISM, GLOBALIZATION AND THE PAPER OF THE NATIONAL STATES**

**Abstract:** The phenomenon called “globalization” has penetrated as a fury in each point of de planet since 1989. Preceded by a strong ideological apparatus in a very elaborated informational war, he or she had a starting symbolic point the falling of the Berlin wall. Since this period, the front of the globalization battle has moved to the national borders, in order to drop them and to allow the “free” world competition and the freedom of the capital without borders. So, the myth of de globalization dispersed throughout the world and, together, the fatalistic conception of the eternity of the capitalism system and the theory of the only though as well.

**Key words:** Globalization; Capitalism; National States .

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. “Balanço do Neoliberalismo”, in SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. São Paulo: Unesp/Contraponto, 1994.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. “A emergência de um regime de acumulação financeira”, in *Praga, estudos marxistas, n. 03*. São Paulo: Hucitec, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, Vol. II, Capítulo XXIV, “A chamada acumulação primitiva”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. *O Capital*. Livro I, Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SANTOS, Milton. *Técnica – Espaço – Tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

